

WISE OR NOT?

*** Roberto Rodrigues**

No mês de maio passado tivemos mais uma reunião do Wise Men Group, um grupo de 5 brasileiros e 5 japoneses que se reúnem uma vez por ano, buscando aumentar as relações bilaterais entre os dois países. Do lado japonês estão os principais dirigentes da Nippon Steel, Toyota, Ishikawajima, Mitsui e JBIC. Do lado brasileiro estão Elieser Batista (que não participou desta reunião por motivo de viagem ao exterior), Carlos Mariani Bittencourt (Firjan e Abiquim), Murilo Ferreira (presidente da Vale e do Conselho da Petrobras), Luciano Coutinho (BNDES) e eu.

O Japão foi um dos maiores parceiros econômicos do Brasil, mas nos últimos anos este relacionamento diminuiu bastante, e hoje aquele país é apenas nosso sexto parceiro.

O Brasil tem o maior número de descendentes japoneses fora do Japão, e os laços de amizade entre os dois povos sempre foram muito amplos, de modo que há um desejo legítimo de voltarmos a ampliar o relacionamento, e não apenas econômico e comercial, mas também cultural, artístico e esportivo. E este é objetivo do Wise Men Group.

Depois de cada reunião, o grupo costuma se reunir com os principais mandatários do país onde se deu o encontro, seja aqui, seja lá. E nestas ocasiões, os participantes discutem com os governos quais os projetos em pauta e quais gargalos os perturbam.

Os japoneses conhecem bem o Brasil, e todas as empresas citadas têm poderosos investimentos por aqui. Mas querem investir muito mais. No entanto, sempre reclamam das dificuldades encontradas para fazer seus investimentos.

Dessa vez, foram muito concretos com os representantes do governo brasileiro com os quais nos reunimos. Disseram que é difícil investir aqui como desejam por diversas razões.

- 1 - custo Brasil: aqui entram os impostos e os juros, considerados muito altos;
- 2 - infraestrutura deficiente;
- 3 - insegurança jurídica: há muita preocupação com as seguidas intervenções do governo na atividade econômica;
- 4 - falta de recursos humanos preparados;
- 5 - falta de um ambiente de comércio bem definido.

São todos temas que conhecemos muito bem e sabemos que assombram demais as empresas brasileiras, mas que agora ficou muito claro como perturbam as expectativas de investimentos estrangeiros.

E o governo deu respostas que satisfizeram aos japoneses:

- 1 - que o ajuste fiscal em andamento é exatamente a receita para reduzir o custo Brasil (embora com resultados não imediatos), bem como é o caminho escolhido para definir regras permanentes, que eliminem as intervenções abruptas do governo na economia;
- 2 - que em 10 anos os investimentos em educação deverão ser de 10% do PIB, três vezes mais do que são hoje;

3 - que estamos construindo um adequado ambiente de negócios, mirando acordos comerciais mais amplos com países ou grupos deles;

4 - que as concessões começarão a acontecer em hidrovias, ferrovias, rodovias, portos e aeroportos, apontando para uma infraestrutura muito mais organizada.

São bons sinais para o futuro. No caso da agropecuária, falta mais alguma coisa: falta uma política de renda consistente (com reformas no crédito e no seguro rural), faltam investimentos em tecnologia, falta logística adequada, falta, enfim, uma estratégia de estado.

Mas também nisso o governo está focado.

Quem sabe esta parceria entre Brasil e Japão tenha excelentes resultados para as próximas gerações.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**